

## Um encontro com Moltmann

Para quem estudou Teologia nas fronteiras do pensamento alemão, onde esta teve sempre muito a ver com a Filosofia e o pensamento em geral, fora do pobre cartesianismo francês e igualmente distante de algum serôdio neo-tomismo, mais propenso a vingar nos países do sul, um encontro com Moltmann era certamente estimulante.

E não apenas por ele ser um nome grande da teologia, mas talvez sobretudo pela tentativa de indagar um percurso, que não foi nunca excessivamente sistemático, antes se perfilou como atento aos contextos e aos diálogos com a cultura envolvente.

A sua obra mais célebre, foi sem dúvida, a *Theologie der Hoffnung, Untersuchungen zur Begründung und zu den Konsequenzen einer christlichen Eschatologie*, dada à estampa em Munique, em 1964, conhecida como Teologia da Esperança e que conheceu uma enorme fortuna editorial, tendo sido traduzida nas línguas mais conhecidas e também no Oriente, obra a que junta um pequeno anexo, intitulado "O princípio esperança e a Teologia da Esperança, uma conversa com Ernst Bloch".

Esta obra notável e marcante fora de facto provocada pela igualmente célebre obra de E. Bloch, um marxista que viveu na Alemanha de Leste, donde viria a ser expulso mais tarde por "desvio ideológico". Em conversa que não está na gravação, Moltman confidenciou-me que após a sua expulsão da Alemanha de Leste se encontraram muitas vezes, pois era seu vizinho, e que se tornou cristão.

Esta obra fora escrita numa época de optimismo em que, sobretudo na Alemanha, o diálogo com o Marxismo e outras correntes se tornara visível e sem dúvida entusiasmante.

Todavia em 1972, publicava na mesma editora, ainda em tempo de

alguma euforia, a sua obra *Um Deus crucificado* (*Der gekreuzigte Gott*), também prometida a um largo sucesso editorial, onde afirmava que a teologia da cruz era o constante fio condutor do seu pensamento teológico. E mais acrescentava que este fio condutor fundava as suas raízes no tempo em que começou a ocupar-se de questões sobre a fé cristã e a teologia, na existência dum prisioneiro de guerra, por detrás das grades. E também às lições de alguns professores em Göttingen, tratando da teologia reformada.

Efectivamente é entre a esperança cristã e a luz definitiva que esta recebe do crucificado, que se passa toda a teologia de Moltmann, como bom discípulo de Lutero. E de tal modo que ao encontrá-lo, muitos anos depois de lhe ter ouvido algumas conferências em Strasbourg, o que mais me chamou a atenção, foi esta espécie de perseguição da esperança que nasce da Cruz e da ressurreição. Impressão que facilmente se pode ler nas suas palavras e na sua atitude geral.

Não se trata, de facto, dum amator triunfalista a buscar novidades, mas dum homem humilde e sólido, como são os velhos alemães que encontramos e ainda hoje continuamos a encontrar, amiúde, a passear pela floresta ou pela orla dos campos: gente de funda experiência cristã, ou não, que se funde muito mais com a natureza do que com a ideologia ou a propaganda.

Nesse sentido vão as suas respostas, mas sobretudo as inquietações que foram as da sua vida: as de reflectir não propriamente sobre pequenas ou minúsculas questões de Igreja para dentro, mas de pensar as consequências da Escatologia para o testemunho crente no mundo de hoje. Assim se encontrará ao longo da sua vida do lado da "Igreja confessante", como Bonhoeffer e ao lado da teologia política por uma presença pública do Cristianismo na sociedade, contra os velhos e novos liberalismos. Entre parêntesis confessou-me a sua simpatia, não sei se militância, pelo Partido Social Democrata alemão (SPD), mas a sua admiração por Ângela Merkel, actual primeira ministra e membro do partido democrata-cristão (CDU).

E foi talvez, como confessa, a sucessiva frustração que constitui o fim do "socialismo de rosto humano", na Checoslováquia, o final do civil-right-movement nos USA, e as frustrações causadas pela paragem, conquanto passageira das reformas do Movimento ecuménico, quer católico, quer protestante, que o levou a centrar-se na cruz de Cristo, que, em definitivo, "constitui a base de todas as aberturas de horizonte que têm lugar na sociedade e na Igreja".

Moltmann tratou diferentes assuntos na sua Teologia, para lá dos que são tematizados nestas duas obras fundamentais no seu pensamento. Tratou da Igreja, tratou da Cristologia, escreveu mesmo uma Mariologia.

Mas o centro da sua obra está, efectivamente, como se diz no subtítulo da *Teologia da Esperança* nas consequências da Escatologia cristã, para

a vida individual e social, e mesmo para a vida da Igreja, reflectindo, nesta linha, sobre a comunidade do Êxodo, como exemplo e modelo da forma da comunidade cristã na sociedade moderna.

Nesta dupla linha, afinal apenas uma, dum esperança crucificada entenderá a Teologia sempre como ligada ao testemunho e como compreensão das condições de inserção do espírito na sociedade, segundo a pregação, por Jesus, do reino de Deus.

Após a entrevista ficámos à conversa justamente sobre a importância de Hegel e a relação entre Teologia e História na tradição teológica alemã, mostrando-me e defendendo como a reflexão hegeliana era decisiva para a compreensão do carácter histórico do Cristianismo, realçando que sem passar por Hegel e a dialéctica da história, seria muito difícil compreender a relação entre Cristianismo e sociedade e as consequências que o centro da pregação de Jesus – o reino de Deus – representavam para testemunho.

Arnaldo de Pinho